

FolcloLibras: cantigas de roda acessíveis para surdos

FolcloLibras: traditional songs accessible to the deaf

Alessandra Teles Sirvinskas Ferreira*
Ruth Maria Mariani Braz**
Isabel Cristina Nonato de Farias Melo***

Resumo

As vivências junto aos alunos no setor de Educação Infantil no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com crianças de 2 a 5 anos, tornaram perceptíveis o quanto a música, embora não ouvida, estava presente nos alunos como em qualquer pessoa ouvinte. Surgiu assim o interesse de trabalhar a dança e a música, em especial, as cantigas de roda com os alunos surdos. O objetivo desta pesquisa foi o de produzir material didático audiovisual que auxilie o professor no processo de ensino das cantigas de roda para alunos surdos. Para isso, foram produzidos 5 vídeos de 5 cantigas de roda, todas foram traduzidas para Libras e, foram adaptadas histórias ilustradas para explicar, dentro de um contexto, o significado das músicas, ensinando novos sinais. Os vídeos foram aplicados nas crianças de 4 a 5 anos do INES. Como resultado, observou-se que os alunos conseguiram expressar o conteúdo apresentado através da teatralização e do uso de sinais, bem como conseguiram transformar as brincadeiras, criando novas regras e demonstrando criatividade e imaginação. Os vídeos foram disponibilizados, de forma gratuita e de livre acesso, em um canal do *Youtube* intitulado FolcloLibras.

Palavras-Chave: Língua de sinais. Cultura. Surdez. Acessibilidade. Educação.

Abstract

The experiences with the students in the Kindergarten at the Deaf Education National Institute (INES), with children aged 2 to 5 years, made it noticeable how much music, although not heard, was present in the students as in any hearing person. Thus came the interest of working dance and music, especially the traditional songs, “*cantigas de roda*”, with deaf students. The objective of this research was to produce audiovisual didactic material that assists the teacher in the “*cantigas de roda*” teaching process for deaf students. For this, 5 videos of 5 “*cantigas de roda*” were produced, all of which were translated into Brazilian Sign Language, Libras, and illustrated stories were adapted to explain, in a context, the meaning of the songs, teaching new signs. The videos were applied to children aged 4 to 5 years from INES. As a result, it was observed that the students were able to express the content presented through the theatricalization and use of signs, as well as managed to transform it, creating new rules and demonstrating creativity and imagination. The videos were made available, free of charge and free access, on a Youtube channel entitled FolcloLibras.

Keywords: Sign language. Culture. Deafness. Accessibility. Education.

* Mestra em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense - CMPDI/UFF, Doutoranda em Ciências, Tecnologias e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense - PGCTIn/UFF; Professora no Instituto Nacional de Educação de Surdos; Email: atsf15@gmail.com

** Doutora em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense; Professor do Mestrado Profissional de Diversidade e Inclusão; Email: ruthmariani@yahoo.com.br

*** Mestre em Diversidade e Inclusão (CMPDI) pela Universidade Federal Fluminense; Tenente-Coronel da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro; Email: tencelisabel@yahoo.com.br

Introdução

As vivências junto aos alunos no setor de Educação Infantil no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com crianças de 2 a 5 anos, tornaram perceptíveis o quanto a música, embora não ouvida, estava presente nos alunos como em qualquer pessoa ouvinte. Ao usar a música tanto para quadrilha quanto para uma apresentação, era notável o quanto os alunos se empolgavam e seguiam o ritmo daquilo que lhes era proposto; ao saberem do que se tratava a história contada na música, transbordavam com expressões faciais e corporais que não se restringiam apenas ao ambiente da apresentação, mas que também eram de novo utilizadas em seus diálogos do dia a dia.

Surgiu assim o interesse de trabalhar a dança e a música, não de maneira isolada, pensando apenas no movimento, mas em conjunto com a compreensão do que se queria expressar com estas. Com base em Almeida (2013) e Lacerda (2011), ficou clara a importância do uso de material didático em Libras com imagens para alcançar um ensino efetivo junto aos alunos. Lacerda (2011) afirma que a imagem pode auxiliar o surdo no desenvolvimento do raciocínio e nos processos de pensamento, através dela se torna possível comparar e relacionar. Além disso, a imagem é um meio mais lúdico de aprendizado e permite ir do concreto para construção do abstrato e, portanto, dos conceitos de uma língua.

Após um período de aproximadamente 90 anos de defesa pelo oralismo, a língua de sinais voltou a ser valorizada, em 1971, no Congresso Mundial de Surdos em Paris. Esse fator foi importante para o desenvolvimento da educação de surdos, pois com a valorização pensou-se na língua de sinais não mais como suporte para atingir o oralismo, mas sim como de fato o meio de comunicação e aprendizado efetivo. Dissemina-se então o Bilinguismo, "... que agrega os defensores da autonomia das duas línguas e renega 'quaisquer' práticas de comunicação que não sejam aquelas objetivadas pelo uso autônomo das duas línguas a oral e a gestual" (CICCONE, 1990 apud REIS, 1996, p. 48).

Na abordagem bilíngue, o objetivo é que ambas as línguas, gestual e oral, sejam ensinadas e usadas plenamente pelo indivíduo surdo, cada uma em uma função distinta, para a comunicação e expressão gestual e para o estudo e leitura da língua oral, sem que haja um prejuízo de uma sobre a outra (KOZLOWSKI, 1995).

Embora esse bilinguismo seja amplamente defendido, o que se vê ainda é uma contradição entre discurso e concretização. Isso porque, segundo Sueli Fernandes (2001), os estudantes surdos são um grupo muito heterogêneo e não correspondem ao ideal bilíngue enunciado nos discursos, por diferentes trajetórias de cada grupo marcadas por descontinuidades que desenvolvem experiências linguísticas frágeis.

Outro fator que podemos citar da contradição do ensino bilíngue é a existência de escolas inclusivas que acabam por secundarizar a Libras em relação à Língua Portuguesa, em alguns casos, por estarem inseridos em escolas monolíngues e em outros porque a Língua de Sinais é utilizada apenas nas interações escolares, sendo posteriormente substituída pela Língua Portuguesa. Em todas as relações, tanto no ensino como nas interações, conforme avançam na escolarização, denomina-se processo bilíngue de transição (FERNANDES, 2001).

Ainda podemos citar como fator negativo para o ideal Bilíngue os estudantes que frequentam escolas exclusivas para surdos, com uma prática bimodal. Utiliza-se o português

junto com a Libras, pois os professores são ouvintes e possuem pouco domínio da Língua de Sinais ou então há existência de espaços em que a Libras só é usada através de um intérprete ou tradutores que nem sempre possuem a qualificação profissional adequada, mas que se tornam a única referência para o aluno surdo (FERNANDES, 2001).

Apesar de todas essas limitações, houve um grande avanço quanto à compreensão atual da importância da comunicação viso-manual do surdo, o que fomenta o desenvolvimento de materiais que privilegiem a imagem e tracem o paralelo entre a Língua de Sinais e a Língua Oral/Escrita.

Com o intuito de promover maior acesso à cultura corporal do movimento conforme previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997), e todos os benefícios advindos desse acesso aos alunos surdos, iniciamos esta pesquisa sobre cantigas de roda do folclore brasileiro acessíveis para alunos surdos na educação infantil, com o objetivo de produzir material didático audiovisual que auxilie o professor no processo de ensino das cantigas de roda para alunos surdos.

Material e métodos

Aplicamos a metodologia da pesquisa ação apresentada por Thiollent (1985), uma pesquisa qualitativa crítica, para garantir um produto de qualidade. Contamos com a colaboração de professores surdos e aplicamos em alunos surdos fazendo ajustes sempre que necessário, respeitando assim o lema muito utilizado pelas pessoas com deficiência e na comunidade surda “Nada sobre nós, sem nós” (SASSAKI, 2007, p. 8).

A pesquisa ação auxiliou para aprimorar o nosso ensino como pesquisadores e professores da instituição e, em decorrência, o aprendizado de nossos alunos. Compreendemos as situações vividas durante o processo, planejamos melhoras eficazes e assim conseguimos explicar resultados encontrados.

Os vídeos foram aplicados com crianças surdas, na faixa etária de 4 a 5 anos, e o aprendizado foi avaliado através da observação quanto à compreensão do que foi ensinado através da prática diária e de observação da utilização dos sinais aprendidos em diferentes situações. Algumas respostas das crianças puderam ser filmadas.

Produção dos vídeos

A escolha das cantigas foi baseada em experiência prévia do pesquisador quanto à presença dessas nas escolas da região sudeste do Brasil. Foram realizadas buscas pela *internet* para encontrar músicas que tivessem características ou origem de cada uma das cinco regiões do Brasil. Representando o Norte, há a cantiga “Fui ao Amazonas buscar o meu chapéu”, que na realidade se trata de uma adaptação da original “Fui à Espanha buscar o meu chapéu”. Mesclando-se a esta, tem a cantiga “Samba crioula que veio da Bahia”, representando a região Nordeste. A cantiga “Ciranda, Cirandinha” foi escolhida por ser amplamente conhecida e bastante característica dentro do tema da pesquisa. Já a “A linda rosa juvenil” foi escolhida por ser bastante teatral e, portanto, esclarecedora em sua representação. “De abóbora faz melão, de melão faz melancia” foi intitulada como “Dia de Festa”, e a escolha desta foi pela

possibilidade de uma contação de história. Elegeu-se a cantiga “Pézinho” por ser uma cantiga tipicamente do Sul, que pode ser vista em diversos vídeos da *internet* e por desenvolver um trabalho de lateralidade muito interessante. E a “Galinha Choca” foi um feliz acontecimento: as crianças convidadas a participarem das filmagens pediram, ao final da gravação, para brincarem dessa, que acabou sendo também aproveitada.

Cada cantiga possui diversas versões por serem oralmente transmitidas, então escolhemos as versões que apresentavam uma letra aparentemente mais completa e de melhor adaptação para a Libras.

Em seguida, buscaram-se voluntários ouvintes por facilitar o processo de filmagem e pela facilidade de conseguir a permissão dos responsáveis da utilização de imagem dos mesmos, para participarem da filmagem do material. Todos os participantes ou seus responsáveis assinaram o termo de livre consentimento de participação na pesquisa (TCLE) ou termos de assentimento livre e esclarecido (TALE), bem como a autorização do uso de imagens. Todas as autorizações estão arquivadas no laboratório Galileu Galilei da Universidade Federal Fluminense – UFF, em Niterói. Quanto às filmagens dos alunos durante a aplicação das atividades, estas estão também arquivadas no laboratório e será garantido total sigilo com relação à identidade dos alunos participantes.

No processo de filmagem, utilizou-se a máquina da Nikon Coolpix S8200, com cartão de memória de 8 Gb, apoiada em tripé, e a câmera da Nikon Coolpix S9500, com cartão de memória de 16 Gb com livre manuseio; também utilizamos o foco de luz modelo Z96 da F&V apoiado em tripé. As filmagens ocorreram na sala 504 no prédio anexo localizado na rua Hermengarda nº 31, Méier, Rio de Janeiro, e contaram com a participação de 8 crianças para encenarem as danças das cantigas de roda, 2 pessoas para cantarem e tocarem as músicas e 1 pessoa para interpretar as músicas. Cada parte foi filmada separadamente e depois unida por edição, a saber a música primeiro, em seguida as danças e depois a interpretação. A indumentária para a cantiga da Linda Rosa Juvenil foi confeccionada ou providenciada pela equipe. As músicas e letras foram apresentadas aos músicos no *YouTube*; eles ensaiavam e em seguida gravavam utilizando o celular modelo Moto G4 plus, em uma sala de um prédio localizado na Rua Quiririm no bairro de Vila Valqueire. Com as crianças, primeiro ensinava-se a dança e a música, elas ensaiavam por duas ou três vezes e em seguida gravava-se o vídeo, se necessário por partes. No caso da intérprete, ela via a dança e a letra, elaborava o que seria feito em cada parte, em seguida filmava a si mesma. A filmagem foi enviada para Rosana Grasse, uma surda que atua com educação infantil e que tem formação em teatro e em Letras Libras. Após concordância desta e com suas correções, a intérprete foi filmada com a câmera Nikon Coolpix S9500, com cartão de memória de 16 Gb em tripé e foco de luz modelo Z96 da F&V também apoiado em tripé, em uma sala localizada na Rua Magalhães Couto, no bairro do Méier.

Para legendar e editar, contamos com o apoio de Daniel Machado, um profissional da área que se dispôs a colaborar com este projeto. Ele utilizou o programa *Final Cut Pro X* para a edição.

Em seguida buscamos no *Google* imagens marcadas com direito de reutilização com modificação que se relacionassem aos sinais. Para a busca usamos palavras como abóbora, melão, coco, cocada, doce, cozinheira, dança, beijo, abraço, coração partido, pular, rodar, palmas, pés, caranguejo, rosa, peixe, bruxa, galinha, galinheiro, dinheiro, ovos, minhoca,

sorriso, dormir, anel, quebrar vidro, Amazonas, chapéu, bacia, mulata sambando, criança na bacia, mato, casa, presente, ciranda, meninas brincando, esquecer, toalha e vovó. Elaboramos uma apresentação de *slides* que serviu de apoio para a filmagem da contação em Libras das histórias das cantigas. Para a produção desse material, utilizou-se o programa *Power Point*, as imagens foram projetadas em uma televisão de LCD da SONY modelo KDL-47W805A e foi filmado com a câmera Nikon Coolpix S9500, com cartão de memória de 16 Gb em tripé e foco de luz modelo Z96 da F&V também apoiado em tripé, em uma sala localizada na Rua Magalhães Couto no bairro do Méier.

Apesar de esse material ter sido útil por ser produzido mais rapidamente, analisamos que a qualidade poderia melhorar, por isso filmamos a interpretação em um fundo de *chroma key* e fizemos a edição com as imagens para que ficassem maiores e a intérprete estivesse contando a história dentro da imagem. O material utilizado foi o mesmo que para as interpretações das cantigas de roda.

A edição final do material foi feita por Daniel Machado, com o mesmo programa, unindo a história e a cantiga à qual a história se relaciona e colocando os créditos no final.

Durante o processo houve dificuldades quanto às permissões de uso de imagem dos alunos surdos e, por isso mesmo, optou-se por uma gravação dos vídeos com crianças ouvintes cujos responsáveis permitiram o uso de imagem.

Também a interpretação e contação de história foi pensada para ser feita por uma surda, esta, no entanto, considerou que não cabia a ela mas sim a professora da turma pois haveria maior identificação dos alunos com a professora que ministraria a atividade.

A contação de história foi pensada apenas posteriormente à primeira aplicação dos vídeos das danças com os alunos, pois, a partir de uma observação subjetiva, observou-se que os alunos não conseguiam compreender o que estava sendo traduzido. A criação da contação das histórias foi feita com rapidez e, uma das dificuldades encontradas foi a falta de imagens disponíveis na *internet* com permissão de reutilização. Por isso mesmo as imagens são diversificadas e sem padronização. Isto, no entanto, não foi impeditivo nem prejudicou a compreensão dos alunos que, após virem as histórias apresentaram uma melhor compreensão das músicas.

Entendendo, no entanto, que a utilização de imagens padronizadas produz menor poluição visual, este deve ser corrigido em trabalhos futuros.

Canal no *Youtube*

No *YouTube* criou-se um canal intitulado **FolcloLibras: Brinquedos Cantados**, no endereço <https://www.youtube.com/channel/UCmOhdyYE3_c2dwxmfn-QpQ>, a escolha do nome ocorreu através de um debate e um “*brainstorm*” realizado com a equipe do laboratório Galileu Galilei.

Optamos para a divulgação do trabalho e a inserção dos vídeos no site do Núcleo de Inclusão projeto Galileu Galilei, no endereço eletrônico <<https://projetoGalileuGalilei.wordpress.com/educacao-fisica/>>. Neste site divulgamos os materiais didáticos de todas as áreas de conhecimento e todos os materiais que se encontram disponíveis foram testados.

Em seguida foi escolhido um sinal, com aquiescência de um surdo, para representar o site. Isaías Amado, um participante do laboratório, foi contactado e providenciou a arte que segue na figura nº 1.

Figura 1 – Figura desenhada por Isaías Amado, representando a Ciranda, sinal do site FolcloLibras



Fonte: Arquivo Pessoal da autora.

Neste canal os vídeos foram depositados no dia 01 de abril de 2017, trata-se de um recurso *online* que permite o acesso sem discriminação a qualquer indivíduo da sociedade e atende ao surdo em sua necessidade de um material acessível e que utiliza a pedagogia visual para o aprendizado. Como se trata de um recurso muito utilizado pelos surdos, essa foi nossa escolha primordial.

Com o intuito de divulgar o material no *link* do *YouTube*, foi criada uma página no *Facebook*, e ambos, canal e página, foram compartilhados com alunos surdos e professores surdos e ouvintes do Instituto Nacional de Educação de Surdos, bem como com amigos e demais conhecidos que têm contato com pessoas surdas.

Resultados e discussão

A primeira aplicação foi feita no dia 3 de outubro de 2016, nesta apenas os vídeos com as cantigas e a interpretação em Libras foram apresentados. Os alunos primeiramente assistiram e depois foram convidados a copiarem o que era feito no vídeo. Alguns alunos copiavam apenas a interpretação, outros apenas a dança e outros mesclavam, copiando uma e outra alternadamente. Ficaram muito empolgados com o vídeo da “Linda Rosa Juvenil”, em que representaram também toda a cena revezando quanto aos personagens. Também gostaram muito da “Ciranda, Cirandinha” por ter de rodar e inverter a roda, e da “Galinha Choca” por ter de correr e se sentar no lugar do colega, conforme a figura 2.

Figura 2 – As histórias dentro do padrão dos vídeos das cantigas



Fonte: Arquivo Pessoal.

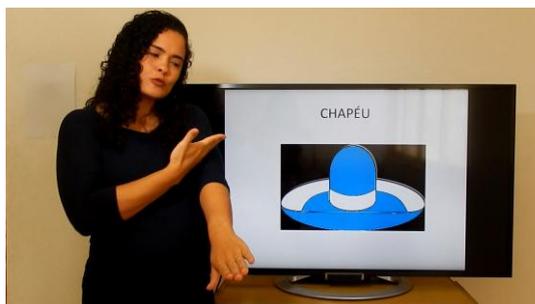
Durante essa aplicação, observou-se que as crianças não conheciam todos os sinais apresentados pela intérprete, apenas copiavam o que ela fazia. Além disso, observou-se que durante a apresentação da Linda Rosa Juvenil, em que há uma maior teatralização, houve uma melhor compreensão dos alunos. Com isso em mente, foram elaborados *slides*, conforme a figura 2, contendo as imagens relacionadas aos sinais, e a intérprete contou a história em Libras enquanto passava as imagens na segunda aplicação, que ocorreu no dia 5 de outubro de 2016, conforme as figuras 3 e 4.

Figura 3 – *Slides* da história da Ciranda, Cirandinha



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 4 – Vídeo da intérprete contando as histórias dos slides



Fonte: Arquivo Pessoal.

Utilizamos a técnica da contação de história e, após este feito, alguns alunos já se apropriavam do sentido dos sinais e utilizavam em pequenos diálogos. Um exemplo foi a aluna que fez o sinal de coração partido porque a amiga brincou de ter roubado o bebê dos braços dela; quando a amiga devolveu o bebê, fez o sinal de coração ficando inteiro de novo e o sinal de sorrir. Outro caso foi quando a intérprete fez o sinal de que o anel caiu no chão e quebrou, uma das crianças fingiu recolher do chão os pedaços fez o sinal de cola e entregou para a intérprete, outra criança fez o sinal de presente e deu para intérprete dizendo que era um anel novo.

Figura 5 – Os alunos brincando com a história da música



Fonte: Arquivo Pessoal.

Na terceira aplicação, dia 10 de outubro de 2016, os alunos do EI-5 fizeram a intérprete sentar e foram passando os *slides* e contando eles mesmos as histórias, enfatizando bem os sinais em cada imagem, às vezes acrescentando algo além na história e misturando com os passos da dança; aqueles que tinham menor domínio da língua de sinais utilizavam a teatralização e representavam a imagem que viam. Elas demonstraram domínio do conteúdo,

pois não apenas memorizaram e repetiram sinais, mas se apropriaram da brincadeira sem a interferência direta de um adulto, tornando-se os narradores da história, reinventando-a.

Figura 6 – Aluno contando as histórias



Fonte: Arquivo pessoal.

Os vídeos precisaram do apoio das imagens para auxiliarem na construção do significado por parte das crianças. Não podemos, no entanto, crer que apenas mostrar as imagens são suficientes para elas compreenderem o que a palavra significa. De acordo com Bergson (1999, p. 145), as imagens são um apoio para “mostrar o caminho”, mas não são suficientes para preencher toda a representação abstrata do pensamento e da expressão.

Por isso mesmo a contextualização para as crianças, através da contação de histórias, mostrou-se fundamental, pois assim elas teriam acesso ao apoio imagético, mas também a possibilidade da construção do conceito em sua mente através da história, não sendo suficiente, portanto, um glossário com imagens e sinais apenas. A contação das histórias estabelece com as palavras/sinais uma relação de significação social contextualizada, para que o aluno consiga internalizar o sentido e se apropriar do conceito, só então terá uma consciência daquilo que é dito.

A imagem exterior nunca é pura, pois ela é captada pelos órgãos dos sentidos e seu significado pode ser modificado de acordo com a relação do seu corpo com ela, ou de acordo com as lembranças contidas em seu cérebro.

Toda percepção da imagem sofrerá uma influência das experiências motoras e de lembranças já vividas que trarão significado a esta imagem ou signo que se apresenta. Portanto, a utilização das imagens como apoio visual na educação de surdos deve levar em consideração que a mesma imagem associada a uma palavra e a um sinal pode traduzir diferentes signos para diferentes alunos.

Para um a percepção da imagem pode estar mais relacionada a um detalhe (como uma árvore ou barco ou animal), já para outro estará mais associada ao todo (ver a imagem com o rio, as árvores e o barco), tudo depende da maneira como o aluno se relaciona com essa imagem. Podemos dizer que a imagem serve como um apoio para contribuir na construção do conceito.

Alguns conceitos ficam mais claros porque são mais simples; quanto mais simples for a imagem, maiores as chances de conseguir uma compreensão mais rápida do conceito

desejado. Mas isso nem sempre é possível. Dizer que “fui ao Amazonas buscar o meu chapéu” utilizando uma imagem de um rio com um barco pode gerar no aluno a compreensão de que ou o barco é o Amazonas, ou o rio é o Amazonas ou o todo é o Amazonas, ou mesmo que uma pessoa dentro do barco é o Amazonas. Como esclarecer?

Seria necessário um trabalho mais amplo para contextualizar mais, para mostrar a questão geográfica, os Estados, o Brasil, estabelecer uma comparação entre nomes de pessoas e dizer que Estados e rios também têm nomes. Um trabalho amplo que pode ser aprofundado pelo professor ao utilizar o material.

Trata-se de uma cadeia de significação de aproximação de um signo a outro ou outros signos conhecidos, ocorrendo a compreensão pelo seu próprio encadeamento. “E essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológicas, deslocando-se de signo em signo para um novo signo, é única e contínua: de um elo de natureza semiótica (e, portanto, também de natureza material) passamos sem interrupção para um outro elo de natureza estritamente idêntica.” (BAKHTIN, 1995 apud FORMENTÃO, 2010, p. 4)

Durante a atividade, o aluno apenas registra o que lhe é ensinado como “imagens lembranças”. Esse registro é importante, pois lhe dá material para comparações futuras, cria um sistema de base para contribuir com construções de conceitos e relações para compreender outras coisas que lhe sejam apresentadas. Por si só, fornecer esse material, essas informações para ficarem registradas na memória já é de grande valor. Todavia não para por aí, essa memória também será registrada no corpo através de movimentos, que criam possibilidades de ações mais complexas e variadas, movimentos inteligentemente coordenados, processados e atuais, representativos e úteis para o aprimoramento motor do indivíduo (BERGSON, 1999).

O intérprete assume o papel do narrador, buscando transformar as imagens em signos visuais. Para isso, trata de envolver o surdo na atmosfera da história contada e cantada, atraindo-o para que ela seja gravada na memória e assimilada, a tal ponto que o surdo possa recontá-la como sua. Portanto, todo o cuidado foi tomado para que a narrativa pudesse ser a mais adequada possível, inclusive contando com a contribuição de uma professora de Libras surda, com formação teatral, essencial para que as narrativas pudessem transpor a complexidade da língua de sinais com naturalidade.

Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos - as atividades intimamente associadas ao tédio - já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando

as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades. (BENJAMIN, 1994, p. 210)

A pessoa que vê a narrativa desenvolve sua memória, busca gravar para, posteriormente, conseguir reproduzir. A partir da exposição sistemática à narrativa, passa a reproduzir a contação da história, e o corpo aprende através dessa repetição, que apenas seria inútil não fosse o fato de o corpo, a cada repetição, fazer reajustes, aperfeiçoar o movimento, modificar o que foi feito e coordenar cada vez melhor até que compreenda todo o movimento e finalmente o aprenda, podendo, então, utilizar esse movimento como referencial para aprender outros e para executar outras ações, sejam elas dançadas, sejam elas sinais comunicados (BERGSON, 1999).

Na quarta aplicação, dia 17 de outubro de 2016, um dos alunos já se balançava de um lado para o outro quando via a dança na tela. A maioria dos alunos acompanhavam fazendo os sinais junto com a contação de história e apresentavam a dança sem precisarem se prender tanto às imagens da TV.

Nesta última semana as crianças já modificavam e inventavam novas regras para a brincadeira. Uma delas era acelerar a roda até ela colapsar. Outra mudança foi na brincadeira da Galinha Choca, em que os alunos em vez de ficarem sentados, corriam todos em círculo, a criança com o objeto que deveria ser posto atrás da criança agora deveria colocá-lo em cima do tapete no momento exato que outra criança pisasse; aquele que pisasse passaria a ser o portador do objeto.

A atividade pedagógica desenvolvida foi acompanhada de intencionalidade, sempre focando o desenvolvimento da autonomia, da comunicação e da cooperação dos alunos. No caso do aluno surdo, a utilização de métodos visuais contextualizados contribuem para um aprendizado mais eficiente. Reily (2003) fez uma pesquisa sobre arte com crianças surdas e verificou que o material visual, a linguagem visual, é essencial para construir um sentido/significado e assim desenvolver melhor sua Língua de Sinais e os conceitos.

[...] a formação de conceitos seria facilitada utilizando representações visuais, e a sua adoção, nas atividades educacionais, auxiliaria no processo de desenvolvimento do pensamento conceitual, porque a imagem permeia os campos do saber, traz uma estrutura e potencial que podem ser aproveitados para transmitir conhecimento e desenvolver o raciocínio. A imagem exerceria as funções de descrição e de léxico, permitindo identificar a figura e até nomeá-la, (NERY;

BATISTA, 2004, p. 290).

Além disso, a imagem é um meio mais lúdico de aprendizado e permite ir do concreto para a construção do abstrato e, portanto, dos conceitos de uma língua. Reily (2003) em suas pesquisas constatou que as crianças surdas podem ser favorecidas pelo uso das imagens como recurso pedagógico em qualquer idade, muitas vezes contribuindo para eliminar problemas de relacionamento ou de aprendizagem.

Portanto, a imagem, usada de forma contextualizada, pode auxiliar o surdo no desenvolvimento do raciocínio e nos processos de pensamento, através da qual se torna possível comparar e relacionar, mas com ela sozinha não teremos nenhum resultado na aprendizagem das crianças surdas. Paulo Freire enfatizava “ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como ‘escrever’ o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo” (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 31).

A surdez é em si uma experiência visual e corporal; para os surdos toda a informação é imagética, para compreender o mundo e seus conceitos há todo um processamento de informações que se inicia na visão, se sente e registra no e através do corpo com gestos, mímicas, imitações, representações e daí parte para as associações mentais pela contextualização e interação culminando na assimilação. Portanto as experiências corporais e musicais devem ir além de mera cópia, mas também utilizar a emoção, as imagens e a Libras para transmitir aquilo que se deseja para que o aluno alcance uma compreensão e verdadeira aquisição cultural (SKLIAR, 2013).

Os conteúdos apresentados pelo professor será significativo se levar em consideração as experiências vivenciadas pelo aluno e confrontadas com sua realidade de vida dentro de seu contexto cultural, cabe ao docente orientar e encaminhar o aluno para perceber-se enquanto indivíduo dentro dessa cultura que o cerca e o constitui (GADOTTI, 1993).

Flor et al. (2015), em sua pesquisa sobre a plataforma Moodle e sua acessibilidade para alunos surdos, verificou que alunos universitários sentem a necessidade do recurso visual e do uso de Libras nos materiais disponibilizados na plataforma:

Na pergunta dois Que tipos de recursos colaborariam mais para a compreensão dos conteúdos (pelo surdo)? Considere os recursos de comunicação e interação existentes ou ideias que gostaria que fossem implementadas no Moodle”, os surdos enfatizaram o uso da Libras, principalmente nas ferramentas e atividades, como a videoconferência. Também demonstraram dificuldade em acompanhar a atividade de chat em texto: Os conteúdos das aulas deveriam ser mais em vídeo e conter tradução e interpretação para ajuda. Ainda não temos muito conteúdo em Libras. A animação poderia ajudar a explicar os conteúdos das aulas, os conceitos. Os fóruns de discussão deveriam ter a possibilidade de postagem de vídeo. A videoconferência é muito melhor para o surdo do que o chat, nela dá pra usar Libras, já o chat só em texto é ruim, é difícil de acompanhar (FLOR et al., 2015, p. 160).

Verifica-se aqui que o material didático para ser apropriado para educação de surdos necessita de um apoio visual e linguístico. Mesmo sendo adulto e tendo um bom domínio do português, os conceitos novos são mais bem compreendidos e assimilados quando se tem o uso da língua de conforto linguístico e de um recurso pedagógico apropriado para sua explicação.

A imagem, o registro visual, precisa ser significativa para que os registros simbólicos de fato ocorram. Não basta ensinar um sinal, um gesto para o indivíduo surdo, é preciso fazer uma contextualização, mostrar imagens que contribuam com o esclarecimento do sentido. Logo, a imagem contextualizada é essencial para o processo de ensino aprendizagem do surdo, só assim ocorrerá a assimilação do conceito, do contrário será apenas decoreba e memorização.

Com base no exposto acima, fica clara a importância de produzir um material didático visual que atenda às necessidades do surdo, não apenas por ter a legenda em Libras presente, mas também contar com imagens significativas que tragam elucidação quanto aos sinais e também quanto ao português escrito, permitindo uma real aquisição e assimilação do conteúdo apresentado.

No processo de produção do material, há algumas recomendações de Ferreira e Cerqueira (2000) que devem ser seguidas. Destacamos aqui a adequação à faixa etária e necessidade do aluno, o tamanho das imagens, para permitir uma visualização boa do todo e evitar perda dos detalhes, e a fidelidade ao original, garantindo a veracidade da informação.

Zabala (1998 apud SANCHES et al., 2002)) ainda reforça a importância de definir qual é a função desse material, se para informar, esclarecer, contextualizar, memorizar, compreender etc., pois isso norteará a produção, o sentido e as características do produto.

Pensar num produto que permita romper barreiras comunicativas, promover o acesso total ao conteúdo, provocar o desenvolvimento global de um indivíduo, respeitando e reconhecendo as necessidades e diferenças do público-alvo, e assegurar que todos os alunos tenham a possibilidade de atingir um nível de aprendizagem de qualidade é um desafio. Na prática docente, há o processo de pesquisa, observação e busca por soluções para atingir esses objetivos. Foi com isso em mente que pensamos em como proporcionar aos alunos surdos um aprendizado significativo e efetivo do tema “Cantigas de Roda”.

Os vídeos foram postados no dia 01 de abril de 2017 e atingiram até a data de 19 de julho de 2017, 54 curtidas e 29 inscritos, conforme o gráfico 1.

Gráfico 1 – Curtidas dos vídeos no YouTube



Fonte: <<https://www.youtube.com/analytics?o=U#dt=c,fe=17364,fr=1w001,fs=17226,fc=0,fcr=0,r=ratings,rpa=r,rpbm=40-39-93,rpd=4,rpg=39,rpm=p,rpp=0,rpr=d,rps=39,rpsd=1>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

A página do Facebook apresenta através de gráficos e planilhas as ações realizadas na página, permitindo verificar o número de curtidas, seguidores e visualizações conforme segue abaixo no gráfico 2, 3 e 4.

Gráfico 2 – Curtidas no Facebook



Fonte: <<https://www.facebook.com/FolcloLIBRAS/insights/?section=navLikes>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

Gráfico 3 – Seguidores da página do *Facebook*



Fonte: <<https://www.facebook.com/FolcloLIBRAS/insights/?section=navFollowers>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

Gráfico 4 – Visualizações da página do *Facebook*

Publicação	Alcance
Galinha choca	101
Ciranda e Cirandinha	103
Pêzinho	66
Dia de Festa	14
Fui o Amazonas	14
A Linda Rosa Juvenil	10

Fonte: <<https://www.facebook.com/FolcloLIBRAS/insights/?section=navReach>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

Observa-se aqui um bom alcance de pessoas tendo acesso a esse material e podendo utilizá-lo caso assim o desejem. As curtidas revelam o apreço das pessoas pelo material, mostrando uma boa aceitação geral.

Essa boa aceitação se apresenta explicitamente em alguns comentários postados na página elogiando o material e considerando-o útil para a promoção do aprendizado.

Comentários como:

“Bem legal!”, “Gostei muito de tudo, Alessandra e Equipe! Vídeos bem feitos, bem interpretados por você, no sinal de Libras mas com ótima expressão facial, principalmente para mim, que nunca havia aprendido Libras (continuo sem saber....rs) e nem lidado com

surdos.”; “Aprender brincando Ensinar brincando e Ensinar ensinar brincando está uma das essências do aprendizado.”(Fonte: <<https://www.facebook.com/FolcloLIBRAS/>>. Acessado em: 2 set. 2017).

Observa-se nestes comentários um real interesse e apreço pelo material.

Com os dados do gráfico 5, foi possível ter um *feedback* do alcance dos vídeos ali postados. Observa-se que este recurso permite o acesso por pessoas em diversas regiões, não apenas do Brasil, mas em todo o mundo, chegando a ser acessado por pessoas em Portugal e na Alemanha, apesar da língua de sinais ser totalmente diferente da Libras. A língua gestual Portuguesa, por exemplo, tem influência Sueca e a Brasileira tem influência Francesa, os dois países falam a mesma língua oral, o Português, mas os sinais na maioria diferem, outros têm uma iconicidade e com isso percebe-se o que está sendo cantado, pois, a relação entre a forma que está sendo expressada e o sentido é mais visível.

Reparamos que as mulheres acessaram mais os vídeos do que os homens, provavelmente porque são elas que ficam com as crianças pequenas em suas residências e assim podemos afirmar que tem mais interesses pelo brinquedo cantado. Não estamos aqui discutindo a questão de gêneros, mas como a diferença dos números se mostrou grande e assim nos estimula a realizar uma nova pesquisa em relação ao gênero e os brinquedos cantados.

Gráfico 5 – Dados Demográficos da Página do Facebook



Fonte: <<https://www.facebook.com/FolcloLIBRAS/insights/?section=navPeople>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

Ainda avaliando este gráfico observamos que a maioria das cidades do Brasil que visitaram o *site* são da região sudeste, pois, temos que alertar aos usuários da Libras que existem os regionalismos e precisam ser respeitados. Assim se uma pessoa do Nordeste assistir qualquer vídeo produzido no Sudeste não poderá afirmar que os sinais estão errados, mas sim que foram realizados sinais daquela região específica.

O *YouTube* também nos permite verificar o número de curtidas e visualizações, dando um quadro geral do alcance do material, conforme o gráfico 6 e 7.

Gráfico 6 – Visualizações dos vídeos no *YouTube*



Fonte: <<https://www.youtube.com/analytics?o=U#dt=c,fe=17364,fr=1w001,fs=17226;fc=0,fcr=0,r=views,rpa=a,rpbm=7-93-110,rpd=4,rpg=7,rpm=p,rpp=0,rpr=d,rps=7,rpsd=1>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

Gráfico 7 – Tempo de Exibição dos vídeos no *YouTube* (em minutos)



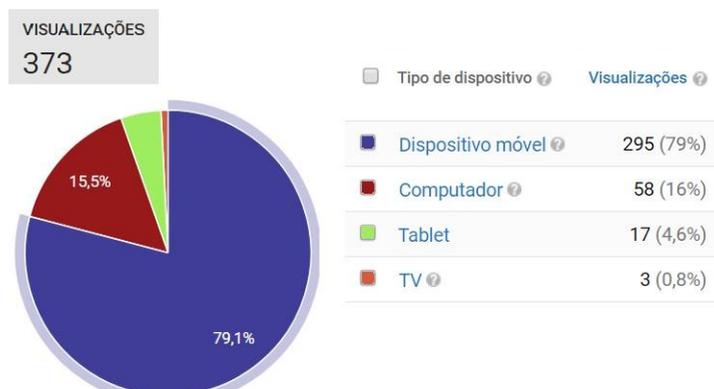
Fonte: <<https://www.youtube.com/analytics?o=U#dt=c,fe=17364,fr=1w001,fs=17226;fc=0,fcr=0,r=views,rpa=a,rpbm=7-93-110,rpd=4,rpg=93,rpm=p,rpp=0,rpr=d,rps=7,rpsd=1>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

Observa-se que os dispositivos móveis são os mais utilizados para acessar os vídeos, trata-se de uma característica cada vez mais comum de nossa sociedade tecnológica, os

celulares e *iphones* estão em todos os lugares e são utilizados por pessoas de todas as idades, o emprego adequado das tecnologias pode promover uma inclusão social real.

Utilizar os vídeos no *YouTube* é uma estratégia bastante eficaz pois alcança com facilidade a comunidade surda que tem como principal ferramenta de informação este veículo por utilizarem uma língua visuo-gestual, conforme o gráfico 8.

Gráfico 8 – Visualizações nos diversos dispositivos



Fonte: <<https://www.youtube.com/analytics?o=U#dt=c,fe=17364,fr=lw001,fs=17226;fc=0,fc=0,r=devices,rpa=a,rpbm=7-93-110,rpd=148,rpg=7,rpm=p,rpp=0,rpr=d,rps=93,rpsd=1>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

A Página do *Facebook* foi uma ferramenta fácil e eficaz na divulgação do Canal no *YouTube*.

O material didático para atender as especificidades dos alunos surdos deve ser devidamente adequado. As tecnologias atuais contribuem por disponibilizarem diversas ferramentas acessíveis e de fácil manuseio, possibilitando a um maior contingente de pessoas a produção de materiais adaptados. Ter a *internet* como meio de divulgar e disponibilizar esses materiais é excelente e pode contribuir para apoiar diversos educadores em diferentes partes do país.

Considerações finais

A música pode ser trabalhada pelo professor que deve ter o cuidado de traçar estratégias que valorizem a aquisição cultural de forma significativa que permita ao surdo uma real apropriação do conteúdo e conceitos contidos nas músicas e o conduza a desconstruir e reconstruir, reformulando e desenvolvendo sua consciência de maneira individual, a partir de uma reflexão do seu conhecimento de mundo ampliado por mais esse acervo cultural presente em seu cotidiano social.

A instrução para o surdo deve ser ministrada em sua língua, com o uso de imagens de forma contextualizada para promover uma educação mais exitosa, garantir o acesso à informação de um conjunto de significados que o cerca bem como possibilitar a participação

inteira nas atividades sociais. Ter um material didático que contribua para garantir essa instrução adequada é preponderante na educação destes.

O produto final desta pesquisa foram cinco vídeos de cantigas de roda do folclore brasileiro com legendas em Libras e em português, disponibilizados na *internet* de forma gratuita para que qualquer professor, aluno ou pais de surdos, em qualquer lugar, possam acessar e utilizar esse material pedagógico.

O produto apresentou resultados positivos juntos aos alunos de 4 e 5 anos, os quais desenvolveram mais da sua língua e fizeram correta correlação dos sinais com as expressões corporais e faciais, bem como ampliaram seu vocabulário e seu aparato motor com movimentos que envolviam coordenação, ritmo e lateralidade.

Os alunos conseguiram expressar o conteúdo apresentado através da teatralização e do uso de sinais, bem como conseguiram transformar as brincadeiras, criando novas regras e demonstrando criatividade e imaginação.

Ao prover os professores com material adequado ao ensino dos surdos, estamos contribuindo para que a inclusão se torne uma realidade nas escolas brasileiras. Mudamos o *status quo* não só dos professores envolvidos e dos surdos que participaram da pesquisa, mas também trazemos uma proposta que o brinquedo cantado que faz parte do currículo escolar, pode ser trabalhado por todos e com todos.

Garantir que o surdo seja devidamente incluído é uma meta que não se encerra em alguns vídeos e algumas divulgações, é um trabalho que demanda um esforço contínuo a fim de proporcionar aos professores, pais e alunos os meios para alcançarmos a verdadeira inclusão sem preconceitos e sem falas que só se aplicam na teoria, mas que de fato ocorram no cotidiano escolar e social. Uma sociedade que reconheça o outro não por sua deficiência, mas por suas potencialidades e por sua identidade principal: de brasileiro.

Referências

ALMEIDA, Simone D' Avila. A utilização da pedagogia visual no ensino de alunos surdos: uma análise do processo de formação de conceitos científicos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 8, 2013, Londrina. **Anais ...** Londrina: UEL, 2013. p. 3626-3636.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Coleção tópicos) Título original: Matière et mémoire.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

FERREIRA, Elise de Melo Borba; CERQUEIRA, Jonir Bechara. Recursos didáticos na educação especial. **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, Instituto Benjamin Constant, MEC, Centro de Pesquisa, Documentação e Informação, ano 6, n. 15, p. 24-28, abr. 2000.

FERNANDES, Sueli F. Práticas de Letramento em Contextos de Educação Bilíngue para Surdos. **Rev. Fórum**, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Educação de Surdos, v. 1, p. 37-44, jul./dez. 2001.

FLOR, C. da S.; SAITO, D. S.; PIVETTA, E. M.; ULBRICHT, V. R.; VANZIN, T. **Acessibilidade do moodle para surdos**: abordagem dos discursos de surdos e ouvintes. **TransInformação**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 157-163, maio/ago. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0103-37862015000200005> > Acesso em: 15 set. 2016.

FORMENTÃO, Francismar. Mikhail Bakhtin: contribuições para o estudo da semiótica da comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23, 2010, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul: Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2900-1.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2020.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. **Alfabetização**: leitura do mundo leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GADOTTI, Moacir. **Histórias das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.

KOZLOWSKI, Lorena. O modelo bilíngue/bicultural na educação do surdo. **Revista Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 147-156, dez., 1995. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/11074>>. Acesso em: 15 set. 2020.

LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos; CAETANO, J. F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos (Org.). **Língua brasileira de sinais – Libras**: uma introdução. São Carlos: UAB-UFSCar, 2011, p. 103-118.

NERY, Clarisse Alabarce; BATISTA, Cecília Guarnieri. Imagens visuais como recursos pedagógicos na educação de uma adolescente surda: Um Estudo de Caso. **Paidéia**, Campinas, v. 14, n. 29, p. 287-299, 2004.

REILY, L. H. As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares-escolares surdos. In: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (Orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem**: desafios e realidades. Cap. IX. SP: Plexus Editora, 2003, p. 161-192.

REIS, Vânia Prata Ferreira. Metodologia de Ensino na Educação de Surdos: Um estudo comparativo. In: SEMINÁRIO REPENSANDO A EDUCAÇÃO DA PESSOA SURDA, 1996, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: Ed. Teatral, 1996, p. 37-56.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 1. **Revista Nacional de Reabilitação**, ano X, n. 57, p. 8-16, jul./ago. 2007.

Alessandra Teles Sirvinkas Ferreira¹ Ruth Maria Mariani Braz
Isabel Cristina Nonato de Farias Melo

SKLIAR, Carlos. **Surdez**: um olhar sobre as diferenças. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

SANCHES NETO, L.; DARIDO, S. C.; FERREIRA, L. A.; GALVÃO, Z.; PONTES, G. H.; RAMOS, G. N. S.; RANGEL, I. C. A.; RODRIGUES, L. H.; SILVA, E. V. M. Resenha do livro “A prática educativa”, de Antoni ZABALA. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 195-205, 2002. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/rbce.PDF>>. Acesso em: 15 set. 2020.